

## **Recensão ao livro Lengua, literatura y ciencias de la educación en los sistemas educativos del África Subsahariana.**

**Hernández Díaz, J. M. & Eyeang, E. (Coord.) (2014). Lengua, literatura y ciencias de la educación en los sistemas educativos del África Subsahariana. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca.**

*A língua e a educação são duas das expressões mais significativas e próprias dos seres humanos (p. 13).*

A recensão de um livro surge, por princípio, próxima da sua publicação. Ora, aquele que apresentamos tem seis anos, o que, na atualidade, de consumo académico imediato, é uma eternidade, remetendo-o para o histórico das bibliotecas especializadas. Acontece que chegámos à obra por via de outra mais recente, dos mesmos autores, de que também fizemos recensão – Los valores en la educación de África. De ayer a hoy (2017). Podemos, agora, em presença de ambas, perceber melhor a dimensão e substância de um trabalho de continuidade que traça pontes intercontinentais, no qual se vislumbra uma especial sensibilidade para questões que tendem a ser marginalizadas no debate contemporâneo da educação.

Tal trabalho, iniciado há duas décadas, é fruto da colaboração entre José María Hernández Díaz (professor de “Teoria e História da Educação” da Faculdade de Educação da Universidade de Salamanca, Espanha) e Eugenie Eyeang –(professora da Escola Normal Superior de Libreville, Gabão), agregando investigadores europeus e africanos. A abordagem é sobretudo descritiva e comparativa com o fim de “saber para compreender” e de “compreender para melhorar”.

Atentemos, então, no livro em destaque que, seguindo essa abordagem, tem por título *Lengua, literatura y ciencias de la educación en los sistemas educativos del África Subsahariana*, com edição da Universidade de Salamanca, de finais de 2014. Escrito em três línguas (espanhol, português e francês), integra cinquenta e seis textos que ocupam 788 páginas. Depois da Apresentação, assinada por ambos os autores (“Una apuesta por la lengua y la educación en África e su desarrollo”), e de dois textos individuais (“Lenguas e literaturas para el desarrollo de los sistemas educativos africanos”, de Eyeang, e “Retos educativos para el África del siglo XXI”, de Hernández Díaz), encontramos uma primeira secção (“Lengua y literatura”), com vinte e cinco textos, e uma segunda secção (“Ciencias de la educación”), com vinte e oitos textos.

O conjunto, cujo foco são as opções curriculares relativas ao ensino e à formação de professores feitas em diversas escolas e universidades de países e regiões da África Subsahariana, evidencia um distanciamento conceptual da fórmula que dá corpo a numerosas reformas dos sistemas de ensino. Trata-se de reformas delineadas a partir de meados do século passado por organizações supranacionais com vocações e funções distintas da educativa, mas que, ainda assim, foram-se apropriando da educação, submetendo-a à matriz neoliberal, orientada para o desenvolvimento tecnológico e económico-financeiro a um nível global. Ainda que no discurso que veicula essa matriz se veja destacada a importância de se formarem cidadãos democratas e autónomos, capazes de responderem a especificidades concretas dos povos, prevalece uma homogeneização por competências funcionais, exigidas pelo mercado de trabalho, que todos os alunos têm de adquirir para entrarem e sobreviverem nele.

Tal realidade, porque manifestamente limitativa do aperfeiçoamento humano – como Kant o enunciou e que, lembram os autores, não podemos descuidar – é susceptível de configurar “novas formas de colonialismo”, mais sofisticadas, por certo, mas nem por isso menos devastadoras por referência à dignidade da pessoa. Há, portanto, o dever “intelectual e moral”, por parte de quem têm responsabilidades na investigação e na docência, seja na Europa ou em África, de interrogar essa realidade e, mais além, de procurar alterá-la, avançando com “soluções possíveis”.

Neste último continente, onde, como mencionámos, se fixa a reflexão de que o livro dá conta, sendo reconhecidas “graves distorções sociais, religiosas, bélicas, étnicas em bastantes países”, há que, com base em “processos científicos e educativos”, “apostar”, de modo empenhado, na melhoria das capacidades linguísticas dos mais jovens e dos adultos. Por outras palavras, defende-se a pertinência de conferir centralidade a estas capacidades que ganham força nas ideias e que se sustentam na razão; capacidades que, em suma, possibilitam a compreensão e a comunicação dos povos, por mais diferentes que julguem ser. A linguagem, abrindo horizontes

ao ensino e à aprendizagem, potencia, por certo, o desenvolvimento económico e o progresso comunitário, mas segundo princípios de justiça social e de solidariedade.

Da apreciação geral da obra sobressai a “esperança” no poder civilizador da educação, um poder que implica, antes de mais, diálogo. É, pois, o diálogo que José María Hernández Díaz e Eugenie Eyeang têm conseguido potenciar na comunidade educativa.

Maria Helena Damião  
*Universidade de Coimbra*